



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Ultimo auleus ... soneto*, por M. Luiz dos Santos;—*D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Estudos de hygiene*, (continuação), por Castor;—*Nocturno*, soneto, por Eugenio de Castro;—*Os leitões*, por René Maizeroy;—*Uma lua de mel*, conto por Lorrjô Tavares;—*As nossas gravuras*;—*O Banquete*, conto, trad. de Eduardo S queira;—*Em familia (Passalempo)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Supplica*, soneto, por Silva Ferraz;—*O Fiel*, conto, por José Maria da Costa

GRAVURAS:—*O editor francez, Luiz Brandus*;—*Miguel Juarez Celman*;—*Corridas de touros*;—*Modas*;—*O porto e ponte de Brest*.

CHRONICA

Ora até que afinal vi cair as primeiras chuvadas outoniaes e aspirei o perfume das primeiras violetas.

Já tinha saudades.

Porque eu associo ás chuvas e ás violetas umas recordações immorredoras de tempos que já para mim não voltam, embora a terra continue, periodicamente, a produzir d'essas flores, e o ceu a despedir aguaceiros em epochas proprias, que se succedem com um rigor mathematico e monotono.

Depois, esta quadra chuvosa que se inicia, trazendo no seu regaço de nuvens frigidissimas as minhas queridas florinhas predilectas, indica-me que a população de Lisboa acabou já de lavar-se no Tejo e no Oceano, o que é de summa importancia, encarado sob o ponto de vista hygienico.

Eu não sei se o Tejo, em compensação, exhalará do seu leito, depois d'aquellas lavagens, alguns aromas indefinidos que offendam a delicadeza da nossa pituitaria. E' possivel que sim, pela ordem natural das coisas.

Mas as aguas do rio renovam-se a cada instante, em-

quanto que a maior parte dos corpos n'elle banhados havia um anno inteiro que se não lavavam e estarão de certo outros doze longos mezes sem se lavar.

Outras coisas mais, que não importam nada á saude



O EDITOR FRANCEZ, LUIZ BRANDUS

publica, mas que importam muitissimo á satisfação dos meus ideaes artisticos, veem ainda annunciar-me as violetas recémvindas: uma d'ellas é a abertura de S. Carlos.

Sinto-me saudoso da corista gorda. Será uma fraque-

za este sentimento, mas não me pejo de confessal-a.

Outras fraquezas bem mais ridiculas observe eu no resto da humanidade, sem que ella tenha a coragem de as confessar. E ninguém lhe quer mal por isso.

Para mim, a corista gorda é o supremo ideal da arte em materia de coristas e em coristas de materia. Possui boas notas na garganta e boas carnes no corpo. Faz barulho com a voz e faz o vacuo, dez metros em redondo, com o abdomen. Um portento de graves e uma perfeição de seios.

Ando tambem com vivos desejos de ver a Nevada, um soprano que, quando outra coisa não seja, deve pelo menos ser fresco; e quero, afinal, ouvir os irmãos Andrades, que não ouvi nunca e que são para mim um mytho perfeito, no tocante a dotes lyricos.

De resto, ser-me-ha grato ver novamente emoldurados, n'aquelles camarotes por tanto tempo desertos, uns perfis correctissimos, que deixaram a sua airosa *silhouette* gravada no crystal do meu binoculo e nos recessos do meu espirito.

Ora tudo isso, só o inverno pode dar-m'o, e ahi está porquo eu me alegrei, quando vi cairem as primeiras chuvas e expandirem-se, sob o orvalho das frias madrugadas, as primeiras violetas.

O ladrão do outono não nos deu nada, nem mesmo as manobras do Sabugo. E fez elle muito bem.

Se taes manobras houvessem chegado a realizar-se, teriamos a estas horas que lamentar quatro ou cinco mil obitos entre infantes e cavalleiros.

Não que o fogo fosse mortifero, ou que a fadiga das marchas e dos assaltos attingisse proporções assassinas. Nada d'isso. Mas n'este ensaio das nossas qualidades guerreiras e da nossa pericia tactica, ficou demonstrado que a Administração militar do paiz, em vez de fornecer viveres ás tropas e forragens aos cavallo, matava tudo á fome, homens e bestas.

Desde a remota antiguidad: até aos nossos dias, nenhum general illustre, nenhum escriptor militar abalizado, nem Alexandre, nem Cesar, nem Napoleão, nem Moltke, nem Lewal, nem Meckel, tinha ainda descoberto esta missão especialissima da Administração militar. Pois descobriu-se agora no Sabugo. E' que as sciencias progridem. E' que o mundo caminha.

E tem uma certa rasão de ser isto. O excesso de alimento torna os corpos pesados, inactivos, indolentes. Depois, o equipamento do nosso soldado não prima por ser leve; todos o sabem. Compenetrando-se d'estas verdades, e considerando que o estomago vasio imprime uma agilidade maior ás tropas, a Administração militar aligeirou-as por meio da fome. E' um systema novo, mas cremos bem que será adoptado pelos paizes pequenos, onde os orçamentos da guerra não dão para grandes faturas de rancho aos exercitos.

No caso presente—o do Sabugo—tinha este processo uma altissima vantagem, além das que apontámos. O inimigo era fornecido de forragens e viveres pela mesma Administração que tinha de fornecer as forças defensivas. Ora o meio mais effcaz e mais summario de vencer esse inimigo, pelos modos terrivel, não podia ser outro senão um jejum de 48 horas. A fome é o peor de todos os krupps.

Possa a França, quando soar o dia tremendo da «*revanche*», fazer o mesmo que por cá se fez, ás tropas do rei Guilherme, e os teutões cahirão diante dos francezes, como tordos, sem que seja preciso disparar um tiro nem regar de sangue as campinas.

Quem sabe mesmo se será esse o plano de Boulanger, como o foi, entre nós, do seu collega commandante em chefe da divisão do Sabugo?

Ideias associadas.

Emquanto nós aqui disfructavamos em familia o desopilante fiasco das manobras d'outono, preparava-se a França para assistir a outras manobras, mas essas escandalosas e torpes, em que figuram generaes illustres condecorados com a Legião de Honra.

Aqui, dava-se em espectáculo ao paiz uma divisão esfaimada por incuria e desleixo dos poderes administrativos do exercito. Em França patenteava-se ao mundo inteiro toda uma grande familia militar emporcalhada por generaes que se não pejam de fazer «*chantage*» e traficos ignobeis, de parceria com hetairas réles.

Desde Bazaine, que vendia a patria, até Caffarel, que negociava em condecorações para accudir aos gastos d'uma vida desregrada e suja, a França tem tido de tudo, louvado Deus!

Quando considero n'isto, e vejo com pena a profunda decadencia da honra militar nos tempos modernos, em nações onde essa honra, mais do que n'outras quaesquer, devia conservar-se impolluta—quando n'isto considero, eu, que tinha o maximo desprezo pela ignorancia descommunal e a maxima compaixão pela decrepitude pintada d'alguns generaes indigenas, sinto-me orgulhoso de que uma tal senilidade tropega e uma tal ignorancia crassa não se acompanhem da deshonra e do vilipendio.

Pode a gente rir-se de ver um general encarquilhado e gottoso, de chinó empastado no alto do toutiço e de bigode côr de azeviche pedida por emprestimo á chimica dos droguistas. O caso, em verdade, é para rir, tanto mais quando as chovas lhes aggravam a rheuma e lhes despintam impiedosamente as postigas negruras capillares.

Mas se attentarmos em que elles, querendo apenas vender-nos que tem vinte annos de menos e um negro bigode marcial, authentico, não vendem habitos de Christo nem procuram vender a patria á Hespanha, se attentarmos n'isso, os bons velhotes apparecerão transformados ao nosso espirito, fazendo expirar nos labios dos trocistas a gargalhada que começava a explodir.

Entretanto, a nossa côrte continúa a sua villegiatura pelo Norte. El-rei vae á caça nas cumeadas do Geréz. A duqueza de Bragança pesca trutas no rio Caldo. O principe da Beira, esse, emquanto a sua real familia caça e pesca, vae fazendo óó no collo da ama, quando não faz outra coisa para os *reporters*... nos contarem.

E sobre as coroadas cabeças dos reaes viajantes continúa a cair, na passagem, desde que o poeta Belchior se lembrou de os cantar em verso, todo o *folk lore* d'aquellas regiões festivas.

Como se não lhes bastasse a prosa beirôa d'aquelle bemaventurado, que chamou a el-rei:—Sua Magestade Reverendissima!

SANTILHANA.

ULTIMO ADEUS...

Passei ao pé de ti saudoso e triste,
Como chorando as maguas que me deste;
Nem um adeus sequer tu me disseste,
Nem de meu peito os ais sequer ouviste!

Emquanto eu soluçei, alegre riste!
Se n'esse peito amor nunca tiveste,
Eu quero triste ao menos que me reste
A saudade da jura que partiste.

Irei pôr-me a chorar de ti distante
E viver entre os braços de outra amante
Com quem hei de morrer—a eterna Dôr.

Assim verei fugir a pobre vida,
Que consagrei a ti, gasta e perdida
Nas ardentes paixões do meu amor.

M LUIZ DOS SANTOS.

D. Miguel, a sua família e as camaras constitucionaes portuguezas

VI

Seria scirmos completamente fóra do nosso assumpto o referirmo-nos á parte que tomou o partido miguelista na insurreição de 1846, como a ella tambem se não refere o livro que nos está servindo de guia n'este estudo. Sabem todos como o general Povoas prestou o auxilio das suas inconstestaveis qualidades militares á insurreição patulêa, sabem todos tambem como foi que o general miguelista Macdonell veio tomar a direcção das forças miguelistas no Minho, onde veio encontrar morte ingloria. A influencia que esta participação miguelista na insurreição teve na intervenção estrangeira não vem para aqui estudal-a. É certo que D. Miguel, se approvou, o que não sabemos, o procedimento dos seus partidarios, não quiz nunca expôr-se a que n'elle se executasse a lei terrivel de 19 de dezembro de 1834, e não favoreceu com a sua presença o arrojio dos seus. Houve um homem então que lhe assumio o nome, e que logrou convencer alguns dos seus que era elle effectivamente o soberano por que anciavam. Tudo isso porém nada tem que ver com o assumpto d'estes artigos.

Malogrou-se a insurreição de 1846; mas servira ainda assim aos miguelistas para lhes mostrar que o seu partido não estava de todo esmagado e que ainda contava fanaticos. Foi isso talvez o que de idio D. Miguel a casar, não estando já na primeira mocidade. Comtudo o seu matrimonio foi fecundo, apesar de tardio, e d'elle resultaram muitos filhos e filhas. Então D. Miguel, nas vespersas do nascimento da primeira creança, que foi uma menina, renovou a declaração que em tempo fizera de que considerava todos os actos derivados de convenção de Evora-Monte como absolutamente destituídos de validade, entrando n'esse numero a sua desistencia dos seus direitos á corôa de Portugal, que, pelo contrario, mantinha em todo o seu rigor.

Tempos depois nascia a filha primogenita de D. Miguel. Os partidarios do principe proscripto que estavam em Heubach dirigiram-lhe as suas felicitações, a que elle respondeu com uma carta, que é de todos os documentos que se dizem emanados da penna de D. Miguel o mais bem escripto.

Curiosa condição dos principes, que mudam de estylo e até ás vezes de idéa, conforme vão mudando os redactores dos documentos que elles assignam!

Depois de enumerar os males que tinham chovido sobre Portugal desde que aqui se estabelecera o regimen da liberdade, D. Miguel continuava:

«Esses males, porém, devem ter feito conhecer que nunca um povo será impunemente collocado fóra das condições tradicionaes e historicas da sua existencia politica; e, se é esta a origem das nossas desgraças, tambem fica patente o remedio que podem ter.

Em lugar de se exaurirem as forças da familia portugueza em antagonismos estereis, cumpria applicar todo o nosso empenho, empregar a actividade de todas as intelligencias e o influxo de todas as opiniões sinceras, n'uma obra nacional, que nem se desprendesse do passado, d'onde importava que viesse, nem do presente onde tinha de viver, nem do futuro para onde devia caminhar.

«Pela minha parte estou tão resolvido a não ser jámais um instrumento de guerra civil, como a acudir sempre ao chamamento da minha patria, porque me honro de ser seu filho, porque estimarei de ser seu primeiro soldado, cooperando para a realisação do grande pensamento nacional. Se a Providencia me deparasse esse momento, o meu dever em Portugal estava claramente traçado nas instituições da monarchia, onde a tradição de vinte gerações o escreveu em vocabulos de sete seculos.»

Como vêem, esta proclamação tem estylo bem diverso dos outros documentos a que já nos referimos. É a penna de João de Lemos que traça estes periodos de *fière allure*, como diriam os Francezes? É a penna de João de Lemos que obriga D. Miguel a declarar que aspira, aos cincoenta annos, á honra de ser o *primeiro soldado* da sua patria, elle, que aos trinta se deixára estar em Lisboa, enquanto seu irmão estava sendo deveras no Porto o *primeiro soldado* da causa que defendia!

Emfim, podia dizer da sua vocação militar o que da sua vocação poetica dizia o herce da *Métromania*:

Et j'avais cinquante ans, quand cela m'arriva

Estas declarações belliosas de tão pacifico principe não podiam deixar de fazer sorrir os proprios partidarios; mas emfim as phrases eram bonitas, e via-se que as escrevera penna costumada aos primeiros litterarios.

Tambem a phrases estereis se reduziu d'ahi por diante o papel de D. Miguel de Bragança. Fechára-se em Portugal a era das guerras civis, e o partido que mal tivera força para aproveitar as dissidencias constitucionaes, muito menos a teria para levantar o

estandarte da revolta, quando estavam todos os animos tranquilos.

Comtudo, como dissemos, entendeu o partido que devia entrar de novo n'um periodo de actividade politica, e nas eleições de 1857 organisou uma commissão eleitoral, empenhou todos os seus esforços na lucta, e conseguiu effectivamente levar á camara seis deputados, que fóram os srs. Antonio Pereira da Cunha, José de Magalhães Menezes Villas-Boas, Dyonisio José Barroso, Francisco Maria Caldeira Castello-Branco de Almeida e Vasconcellos, e Francisco de Mello Peixoto Coelho.

A estreia era auspiciosa, mas o partido, devemos dizel-o, deu no campo de batalha politica as mesmas provas de inhabilidade, que já dera no campo de batalha militar, e é curioso ver como os partidos radicaes obedecem aos mesmos preconceitos, aos mesmos processos, quer sejam radicaes da direita quer sejam radicaes da esquerda.

O partido impozera aos seus deputados o mandato imperativo, e determinára que elles recusassem prestar o juramento que a constituição impunha a todos os deputados.

Era perfeitamente illogico, mas o mesmo erro commetteram tambem depois os deputados republicanos, que gastaram tambem o seu tempo e a sua rhetorica a protestarem contra o juramento politico dos deputados, como se esse juramento se oppozesse a qualquer transformação politica. O juramento impõe simplesmente aos deputados o dever de serem inviolavelmente fieis ao rei, á Carta e á religião, o que os não impede de declararem modifiavel a Carta. As modificações radicaes da Carta não podem ser votadas senão por Côrtes constituintes, e n'essas os deputados veem armados com mandato especial, que os authorisa inclusivamente a supprimirem a realza, porque basta para isso revogarem os artigos da Carta que se referem á realza. Ora ninguém impedia os deputados legitimistas, embora prestassem o juramento de ser fieis ao rei, de sustentar que os artigos da Carta referentes á realza careciam de reforma.

Debaixo do ponto de vista politico o effeito da resolução dos deputados legitimistas foi deploravel.

Percebia-se se apenas tivesse o caracter de um protesto. Se em todas as legislaturas houvesse um certo numero de circulos que elegessem deputados legitimistas, se estes recusassem prestar juramento, se retirassem, e fossem sempre reeleitos como os deputados do Schleswig ao parlamento prussiano, essa obstinação teria uma incontestavel grandeza.

Mas o caminho que os deputados legitimistas seguiram prejudicou os interesses do partido, e amesquinhou ao mesmo tempo a sua causa.

Effectivamente os seis deputados legitimistas declararam que só prestariam o juramento modificado segundo uma fórmula que indicaram; a camara não concordou em lhes aceitar essa fórmula, os seis deputados não quizeram prestal-o de outra fórmula, e deixaram de comparecer ás sessões. Intimidados para virem exercer as suas funções legislativas, recusaram fazel-o, enquanto os não dispensassem de prestar o juramento habitual. Em virtude d'esta resposta, as camaras declararam vagos os seis circulos.

Em 1858 fóram de novo eleitos dois deputados miguelistas, os srs. Pinto Coelho e Estevão Palha. Renovou-se a questão do juramento, mas renovaram-na, recorrendo a uma especie de reserva mental. O deputado Pinto Coelho declarou que entendia que o juramento não significava adhesão ás instituições constitucionaes, e, quando foi prestar juramento, proferio em voz alta. «Conforme com o que disse, assim o juro.»

Levantou-se protesto contra estas palavras, não se admittia a fórmula, e o presidente convidou os srs. deputados a sairem da sala. Como elles o não quizeram fazer, houve grande confusão, e a sessão levantou-se tumultuariamente.

Trocou-se depois correspondencia entre o sr. Pinto Coelho e o presidente, e afinal, depois d'esse debate epistolar, os dois deputados resolveram-se a prestar juramento como os outros o tinham prestado. Não valia a pena ter manifestado uma intransigencia absoluta, para afinal seguirem o caminho vulgar. Estas arremetidas não fazem senão prejudicar o partido que os fez, porque mostra que toma as suas resoluções sem lhes medir o alcance e sem lhes avaliar as consequencias.

D'ahi por diante pode dizer-se que nunca mais houve questão parlamentar miguelista. Ainda houve alguns deputados pertencentes a esse partido, mas com um caracter, por assim dizermos, puramente individual. A questão parlamentar nunca mais o partido a levantou.

Entretanto havia dois pares do reino pertencentes ao partido liberal, que pretenderam modificar a lei de 19 de dezembro de 1834, afim de permittir aos filhos de D. Miguel, que fallecera em 1866, o poderem herdar os bens de seu avô. Esses dois pares do reino fóram o sr. visconde de Chancelleiros e o sr. S. Miguel Osorio. A camara porem regeitou por inoportuna a proposta d'estes dois illustres parlamentares.

Em 1881 um deputado legitimista, o sr. Prado, propoz na camara que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte da esposa do filho de D. Miguel. Nem se admittiu á discussão a proposta.

Tendo estado nos fins de 1883, em Lisboa, tanto o novo principe D. Miguel como sua irmã, D. Aldegundes, o sr. Luciano Cor-

deiro a 3 de fevereiro de 1884 apresentou uma proposta para que fossem revogados os artigos 2.º e 3.º da lei de 19 de dezembro de 1834. O pensamento era generoso, mas a camara tambem entendeu não dever admittir á discussão semelhante proposta. Effectivamente, enquanto os principes proscriptos não abdicassem claramente todas as suas pretensões, é evidente que o paiz liberal não podia dar um só passo, que, embora dictado pela tolerancia, teria aos olhos da Europa o character de um acto de transigencia e de fraqueza.

E com isto pomos ponto ao nosso estudo, em que tanto nos serviu o interessante livro do sr. barão de S. Clemente.

PINHEIRO CHAGAS.

ESTUDOS DE HYGIENE

V

Da alimentação da primeira infancia

(Continuação)

Está provado que o gosto para os alimentos varia naturalmente com a idade, sob a influencia das circumstancias em que nos encontramos, circumstancias que reagem sobre os humores e os modificam; e que chegamos um dia a gostar dos alimentos que d'antes aborreciamos e vice-versa.

Quantos doentes poderíamos citar aqui, abandonados já da medicina, que deveram o seu restabelecimento completo a essa especie de instincto que os levava a tomar alimentos condemnados por ella?

Lá o disse madame Necker:

«Os centenarios não attingem a sua avançada idade por quaesquer preceitos da medicina. Quasi todos elles tiveram algum genero de vida particular que lhes foi suggerido por uma especie de instincto, comparado á fome ou á sede, e que é, sem duvida, o effeito de algum sentimento secreto do seu temperamento.»

Recommendações hygienicas

Iniciaremos este capitulo por um fragmento de Alexandre Dumas filho, que todos deviam saber de cór e praticar:

- «Anda duas horas todos os dias.
- «Dorme sete horas todas as noites.
- «Deita-te sempre só, quando tiveres vontade de dormir.
- «Levanta-te assim que occordares.
- «Trabalha logo que te levantes.
- «Não comas senão quando tiveres fome.
- «Não bebas senão quando tiveres sede, e sempre lentamente.
- «Não falles senão quando fór preciso.
- «Não digas senão metade do que pensares.
- «Não escrevas senão o que poderes assignar.
- «Não faças senão o que poderes dizer.
- «Não esqueças nunca que os outros contam contigo, mas que tu não deves contar com elles.
- «Não estimes o dinheiro nem mais nem menos do que elle vale; o dinheiro é um bom servo e um mau amo.
- «Guarda-te das mulheres até aos vinte annos, e affasta te d'ellas depois dos quarenta.
- «Não dés a tua palavra sem saberes a que te compromettes.»

Estas poucas linhas constituem um codigo completo de hygiene phisica e de hygiene moral, as quaes, como precedentemente dissemos, se completam uma á outra e são a fonte onde se alimentam a saude e a longevidade.

Sabindo do leito, devemos-nos vestir immediatamente, para evitar um resfriamento brusco, que teria por consequencia um coryza, pelo menos.

Vindo do frio, não é conveniente expormo-nos logo ao calor do fogo.

Devemo-nos mover moderadamente, o bastante para conservar o corpo n'uma actividade rasoavel.

Evitem-se os exercicios muito violentos. Chegue-se até á vermelhidão da epiderme, mas nunca até ao suor (*ad ruborem, no ad sudorem*).

Devemos transpirar tres vezes por anno: no outono, no inverno e na primavera. A maior parte das doenças proveem d'obstrucções; a transpiração abre passagem aos humores, ás ejecções aquozas e gazozas.

A falta d'appetite corrige-se facilmente por meio d'uma dieta de 24 horas. A dieta faz voltar o appetite; este, moderadamente

satisfeito, faz renascer as forças; as forças contribuem para a saude, e a saude prolonga a vida.

Dieta e transpiração, repouso e somno, eis a medicina natural e universal.

Desde que os primeiros frios se fazem sentir um pouco rigosamente, não devemos hesitar em tomar um banho quente, de vapor ou russo, se fór possível. Como o frio faz cerrar os poros da pelle, é preciso prevenir a sua obstrucção por meio da maior limpeza do corpo.

O banho, quente ou frio, segundo as estações, mas antes quente que frio, deve ser de rigor uma vez por mez.

Mudar de roupas brancas o mais a meúdo possível.

Do asseio e da falta de limpeza

Ha tempos, um jornal francez iniciou uma campanha contra a limpeza do corpo, escrevendo, entre outras coisas, o seguinte:

«Todas as pessoas que gostam de asseio, são fracas, e assim deve ser. Embora se diga o contrario, o corpo humano é feito de immundicies. Deus tirou-o da lama; naturalmente, não pode encontrar força senão nos seus princípios constitutivos.»

N'estas palavras ha a enunciação d'um principio falso, que o mais simples tratado de hygiene reduz a nada.

Se o asseio levado ao excesso enerva, em compensação, a falta de limpeza embrutece e bestifica.

Disse ainda o jornal a que nos referimos, desfigurando um axioma de ethnologia:

«O imperio pertence aos povos sujos.»

Isto é um contra-senso.

Esta pseudo-moral podia ter uma apparencia de verdade nas epochas em que a fé religiosa, o fetichismo reinavam sobre populações imbecis, ignorantes, barbaras; mas hoje ou no futuro, o imperio pertencerá evidentemente aos povos que mais tiverem profundado a sciencia.

«Os Moscovitas—dizia a tal folha—lizongeiavam-se de dominar o mundo. Não admira. Este triumpho não depende da sua civilização, mas da força e duração do seu gosto pelo sebo. Os que untam com sebo e com azeite rançoso a barba e os cabellos, eis ahí os vencedores do mundo!»

Este amor pelo sebo, que o jornal parisiense invoca, parece-nos ser para os moscovitas uma questão de hygiene perfeitamente rasoavel e não um *parti pris* de sordidez. Nos climas frios, o corpo humano precisa, para conservar o seu calor normal, d'alimentos que contemham carbone na maxima quantidade possível. Ora o sebo, as gorduras, os oleos são, precisamente, os corpos alimenticios mais ricos em carbone.

Esta provado que, se untarmos o corpo de gordura ou d'um oleo qualquer, isso obstará ao desperdicio do calor. Um homem n'estas condições pode permanecer durante muitas horas em agua quasi gelada.

O sebo é, para os Cossacos, o que o azeite de peixe é para os Esquimaus e o gin para os inglezes: um alimento rico em principios calorificos.

A historia mostra-nos que os Phenicios só fóram senho. es do mundo no tempo em que, traficantes, piratas e ladrões terríveis, roubavam, para as tornarem a vender, creanças, mulheres e mercadorias. Mas a historia não nos diz que elles fossem pouco asseitados.

Os Espartanos só deveram a sua força a uma legislação de bandidos. Mas a historia não nega o seu excessivo asseio.

Nunca se disse que os Romanos fossem um povo pouco limpo. Pas'umius, antes de combater os Equas, ordenou aos seus soldados que *cuidassem da limpeza do corpo (curare corpora)*.

A raça arabe segue as mesmas leis que os Espartanos se tinham imposto. Entre os Arabes, as doenças não se perpetuam pela hereditariedade; as privações, a falta de cuidados fazem com que as creanças rachiticas, escrophulosas ou tísicas, succumbam antes da idade nubil.

Na Europa, aquellas creanças são rodeiadas de cuidados, prolongando-se-lhes artificialmente a existencia. Depois de homens, casam-se e procriam filhos que perpetuam as suas doenças incuraveis, ampliando-as.

Eis aqui a principal causa da decadencia de certos povos, e não o asseio; a população augmenta, mas a raça perde; e um dia vêm em que tal povo é absorvido por outro mais robusto mas não menos asseiado.

(Continúa)

CASTOR



MIGUEL JUAREZ CELMAN
PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA

NOCTURNO

Seis horas da manhã... Abandonado
No meu pequeno quarto d'estudante,
Tenho passado a noite, ó minha Amante,
A scismar no teu rosto desmaiado.

Cheio de um grande amor, d'istante a instante
Beijo o teu lenço fino e perfumado
Onde presinto o aroma delicado
Da tua linda bocca chilreante.

E' já quasi manhã... A lua inquieta
Agonisa n'um ceu cõr de violeta
Onde já brilha a luz da madrugada...

Os astros morrem pallidos, dispersos...
E eu estou escrevendo estes quatorze versos,
Pensando em ti, ó minha doce Amada!

Lisboa—Março de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

OS LEITOS

... O LEITO ONDE SE NASCE ...

... Ainda muito pallida, de uma pallidez de ferida que perdeu as forças, que perdeu o sangue por uma larga cicatriz, tão dolente, com os seus bellos olhos pizados, cujo olhar moroso e suave se esvae em um sonho, os seus labios descórados, agitados por um vago estremecimento, as suas madeixas loiras empastadas em desordem na testa e no rosto, que se afinou, que assumiu, simultaneamente, um aspecto infantil e grave, a pequena baroneza Thereza do Luxille abandona-se no grande leito tepido, na accumulção das almofadas, ao jubilo de não soffrer, e repousa, exausta e quebrada, como em seguida a um doloroso caminho da cruz.

As cortinas descidas deixam apenas filtrar um tenue clarão de lamparina, ao longo da alcova forrada de uma seda antiga com florinhas cõr de rosa, e em torno das gaiotas cinzentas, de azas abertas, que se enlaçam nas molduras dos espelhos.

Os reflexos da chamma dançam no tapete, e pela porta entreaberta passam murmurios de vozes que trocam segredos rapidos, fremitos de roupas, risos logo suffocados, e de subito, ligeira, indefinida, estranha como o grito de um animal desconhecido, a queixa, o vagido do recém-nascido, que está sendo enrolado nas suas primeiras faixas.

Ella, inerte, não pensa em nada, adormece em um torpor de todo o seu ser, não faz um movimento, e se não fosse o sopro rythmico que ondula no seu pescoço, a alluciante fixidez das suas pupillas, julgar-se-hia que a padecente se extinguiu no meio dos incessantes soffrimentos que convulsionaram e esphacelaram o seu pobre corpo de creança, e que as suas pupillas dilatadas aguardam o gesto piedoso que para sempre as cerrará.

Está só, mas tão prostrada que nem dá pela solidão em que a deixaram, não experimenta nenhuma pena, nem mesmo tem consciencia d'essa brusca evasão de todos os seus, de seu marido, dos avós que se reveem no netinho, investigando já a possibilidade das semelhanças, interrogando o medico, esquecendo quasi, como um despojo inutil, aquella que soffreu e gemeu, que se debateu durante horas consecutivas, como sob as mãos implacaveis do carrasco.

Descança, immersa em uma especie de inercia bestial, no momento em que grossos dedos avermelhados levantam o reposteiro de pellucia, e a parteira apparece, com a sua touca branca, trazendo nos braços o pequenino, cuja cabecinha do tamanho de uma laranja, se arredonda sob a fina transparencia de uma touquinha de Bruges.

A creança tem as feições congestionadas e vermelhas; na barba desenha-se-lhe uma covinha.

Thereza viu-a, o seu rosto transfigura-se, illumina-se de um clarão de alegria.

Sorri, murmura palavras dulcissimas.

Estende-lhe as suas mãos brancas, azuladas pelo tecido das veias.

E enquanto a parteira colloca sobre uma das almofadas, junto da parturiente, esse objecto fragil, essa trouxa de rendas e de carne rosada, Thereza segue-lhe os movimentos, palpitante de commoção, e exclama, com inflexão inquieta:

—Tome sentido! não lhe faça mal!

Então, enternecida até ao intimo do coração, sacudida pelo mesmo sentimento mysterioso que a fez desfallecer, em a noute em que, ao desenlaçar o espartilho, sentiu correr em si esse es-

tremecimento de vida, esse brusco contacto de um ser brotando do seu ser, palpitando por instantes na sua carne, como o grão que se dilata e germina na gleba, Thereza recolheu-se, enroscou-se, unida ao seu pequenino, impregnando-o do seu calor, devorando-o com os seus olhos inundados de uma ternura doida, aspirando, inebriada, o jubilo de viver, e com expressão supplicante, simultaneamente meiga e imperiosa, como quando se quer ser obedecida, sem maguar aquelles que não merecem que sejamos ingratos ou desagradecidos, disse lentamente:

—Quer deixar-nos sós um bocadinho, e não consentir que ninguém venha perturbar-nos?

A parteira afastou-se docilmente, e elles ficaram ao lado um do outro, engolfados n'essa deliciosa tranquillidade, n'esse silencio, interrompido aqui e alli pelo ruido das carruagens rolando ao longo da avenida e pelo estalar da lenha humida ardendo no fogão, rumorejar intraduzivel, que evoca em nós a memoria de gorgeios de passaros resoando no frescor verdejante de um arvoredado umbroso.

Theresa contempla-o, toca-lhe, quasi timidamente, como outr'ora, ao pegar na sua primeira boneca. Admira-o. Curva-se para beijal-o. Extasia-se, ao colar os seus labios amantes a essa pelle que estremece, que vive.

E' uma beatitude divina que se lhe dilue no cerebro, na alma, uma sensação nova, sobrehumana desconhecida, que cresce de minuto a minuto e se avigora na effusão dos beijos.

Comprehende que pertence d'ora avante a essa creança, que se tornou outra mulher,—a mãe,—que terá por ventura de soffrer, de sacrificar-se, de annular-se, um dia, por amor d'ella, que lhe deve agora o melhor do seu coração.

E a sua bonita phisionomia de collegial reveste-se, pouco a pouco, de uma expressão cariciosa e séria, tinge-se de melancolia, como que ao fitar pela vez primeira o insondavel mysterio do futuro.

Cingiu o pequenino nos braços, conta as imperceptiveis pulsações d'esse coraçãozinho de ave. E, bruscamente, os seus grandes olhos limpidos molham-se e grossas lagrimas correm, uma apoz outra, ao longo das suas faces brancas, lagrimas de supremo jubilo ou lagrimas de extrema tristeza, quem sabe, quem póe sondar esse lago cambiante, a'ternadamente turvo ou transparente, que é o cerebro da mulher?

O sr. de Luxille ergueu docemente o pesado reposteiro, e contempla, immovel, essa adoravel cabeça loira inclinada sobre essa creancinha; a meia voz, approximando-se do leito, exclama:

—Serei demais aqui?

—Tu, grita-lhe ella, tu que eu amo!

Thereza attrae-o para os seus braços, devora-o com beijos, embriaga-o, por tal forma, que o coração do ditoso desfallece no auge da suprema delicia.

Radiante de ventura, ella murmura, mostrando-lhe o pequenino:

—Scntes-te feliz com o teu filho? Amar-me-has ainda mais?

E não achando nenhuma palavra sufficientemente terna e eloquente para responder-lhe, o marido, que é o amigo e o amante, e selo-ha sempre, ajoelha com devoção á cabeceira do leito, e envolve simultaneamente, em um longo beijo, a fronte da creança e os dedos da adorada...

RENÉ MAIZEROT.

UMA LUA DE MEL

—Que bonito rapaz!

E era bonito a valer, se credito merecem as apreciações do sexo bello, que afere o bello ideal das masculas exterioridades pelas caritas infortunadamente arredondadas, acarinadas e envernizadas das pequenas bonecas de cruzado por cabeça.

Este «bonito rapaz!» é a phrase unica apropriada, por todas as ex-collegiaes, filhas de mães que o não fõram e de paes que o fõram menos, a qualquer creatura que use calças, quando essa creatura, por um mysterio inexplicavel de elaboração uterina, se apresenta á luz do sol com uma adoravel phisionomia de caixeiro *dengue*.

De resto, quasi todas as outras particularidades phisicas do dito «bonito rapaz» passam despercebidas das citadas ex-collegiaes, cujas retinas teimosas se negam a transmittir ás suas observações os resultados d'uma analyse bem dirigida.

Se lhes perguntarem o «porquê?» da afirmativa, ellas respondem «porque sim»—a resposta invariavel que representa a tendencia de todas as creanças para a verdade. Falta-lhes a intuição artistica que os primeiros rudimentos do desenho linear deixou sem orientação definida, e, quando muito, a educação acanhada dos internatos habilita-as a differenciar da aza d'um bule, a aza especial d'esses outros recipientes que habitam nas alcovas escuras...



CORRIDAS DE TOUROS
Antes de começar a tourada (QUADRO DE AGRASOT)

De parte estas observações e continuemos.

—Que bonito rapaz! disse ella.

Retratemol-a. Não era linda, nem feia; era o que era: uma lisboeta *impur sang*, altura regular, morena e pallida, olheiras modernas, cabellos frisados, espartilho estoirando na cinta, um monte de tufos e superposições... do outro lado, luvas até ao cotovello, e no seu todo fragil todos os indícios das anemias, que são o distinctivo da minha raça degenerada.

A mamã deitou o olhar apagado e complacente para o «bonito», approvou, movendo a sua cabeça, em que havia clareiras occultas por farripas postizas, e repetiu como um echo:

—Bonito rapaz!

Elle voltou-se, sorriu, inchou um tanto, perfilou-se lisonjeado, e quando o elevador da Gloria se deteve ao alto da calçada, foi seguindo na esteira das duas.

Em quatro pinceladas o seu retrato-tipo.

Pé comprido, perna fina em calça preta, ventre sem saliencias *shocking* sôb collete branco com dupla corrente de ouro, justa sobre casaca alvadia, estreita de encontros, thorax deprimido, collarinho esmaltado, estrangulador, um brilhantesito na gravata, luva *gris*, um junco na dextra, charuto na sinistra, e sobre este alicerce pouco solido uma esplendida cabeça efeminada—cabellos em ondas muito pretos, sobrolhos *id:m* muito arqueados, olhos castanhos muito rasgados, nariz fino muito correcto, bigode adolescente muito torcido, labios delgados muito vermelhos.

Um bonito rapaz!

N'essa tarde ella estava á janella, quando elle passou; no dia seguinte um moço de esquina levou a primeira carta mediante dois patacos; á noite trocavam de alto longas phrases de amor incandescente; um mez depois o pedido official e a entrada em casa da familia Oliveira: todas as phases do prologo do hymeneu com bellas cantatas de juras, de segredinhos, de pequenas intimidades.

Deliciosos serões em familia! A noiva fazia musica—uns classicismos admiraveis e conscienciosamente trucidados nas teclas; o noivo voltava as folhas com a sua solicitude bem educada; o conselheiro Oliveira, velho caturra chefe de repartição, lia as *Novidades*, o seu jornal favorito, e jornal do seu Navarro, do seu ministro—«um homem as direitas!»—na sua invariavel exclamação entusiastica; e a mamã, enterrada na sua poltrona, sorria-se benevola, acariciando com o olhar o par feliz e com a mão o pello sedoso do *Brejeiro*, o companheiro das suas regaladas somnecas.

O Alberto Pinto queixava-se ás vezes, sentia-se doente: a sr.^a Oliveira então—um receituário vivo de caseiras panacéas,—recomendava logo um dos seus numerosos e milagrosos ingredientes.

—Isso são flatos, menino. Tome agua de Melissa. A agua de Melissa... não ha nada melhor.

Mas nem a agua de Melissa nem as variadas receitas da futura sogra conseguiam melhorar o rapaz, que definhava a olhos vistos, com grandes inquietações da ex-collegial. Elle eram vertigens, elle eram dôres soltas aqui e ali, elle eram symptomas esquisitos, taes como pruridos infernaes na epiderme, manchas vermelhas que appareciam e desapareciam, faltas de ar, especies de mal estar, repentinamente.

—Ai! Deus do céu! que é isso? que tem?

Esta exclamação determinou-a uma noite o Alberto Pinto, que se apresentou com um olho inchado.

—Não é nada. Isto passa. Deve ser um terçol.

E mostrava a palpebra direita orlada de vermelho, toda intumescida.

—Ora, coitado! Uma passa de uva, aberta ao meio, não ha nada melhor: é um santo remedio.

Durante o terço o rapaz esteve triste, preocupado, prestando pouca attenção ao enxoval da noiva que lhe mostraram—um vestido de setim perola, salpicado de pequeninas flores de laranja e jasmim, o véu que a envolveria no grande dia, o sapatito decotado e petulante, e todas as miudezas concernentes ao caso. Porque o casamento estava marcado para de ali a duas semanas.

Pelas dez horas pediu licença para se retirar: sentia febre e uma grande comichão no olho, uma comichão insupportavel que o fazia bater as palpebras.

—Faça o que lhe disse, recommendou a senhora Oliveira: uma passa d'uva... não ha coisa melhor.

E quando ficou só com o marido:

—Aquillo é falta de uma coisa que eu cá sei... Em casando logo lhe passa.

No dia seguinte o terçol sumira-se, mas o nariz do Alberto soffrera alteração: uma borbulha encarniçada tinha-o desfigurado: para a occultar foi preciso applicar-lhe um pedacito de encerado.

—Porque não consulta um medico?

—Nada. Ora! os medicos! Isto não é nada.

Mas os achaques foram-se repetindo, a borbulha foi crescendo e o dia marcado aproximava-se.

Uma tarde o Alberto foi á repartição do Oliveira, na antevespera do casamento.

—Então como vaé isso? como está você?

—Eu? E' isto que vé...

Que estava peor, o nariz inchára mais, tornára-se disforme.

—Ora o diabol! isso é o diabol!

—De modo que eu vinha...

—Vinha a qué?

—Vinha propor-lhe para adiarmos o casamento.

O Oliveira deu um salto na cadeira.

—Adiar o casamento! Você está do' do'!

—Mas eu não posso ir assim para a igreja. Ria se toda a gente.

—Pois que se riam. Quero cá saber d'isso!

—Mas não vé o meu nariz?

—O que eu vejo é que não posso adiar coisa nenhuma. Está toda a gente prevenida, os padrinhos, os convidados, o meu director geral: e até, de mais a mais, as «Novidades» já deram a noticia.

—Mas o meu nariz...

—Olhe, sabe que mais? Case-se e depois tratará d'elle.

—Pois seja! Albarde-se o burro á vontade do dono.

Quarenta e oito horas depois, por uma bella manhã de maio, saiam da igreja de S. Domingos os recém-casados, seguidos de grande acompanhamento. A noiva levantara o veu, preso por uma grinalda de flores artificiaes, e dava o braço ao Alberto, que ia radiante, mas um tanto comprometido com a sua borbulha. A maldita crescera e alastrára! Os esposos Oliveira metteram-se no segundo trem, e d'ali por dez minutos servia-se o «lunch», fornecido pelo Baltresqui.

... Fazemos aqui uma reticencia pudica, ao pé do leito nupcial.

N'essa tarde as «Novidades» diziam: «...etc. etc... Os noivos gentis partem brevemente para * * *, onde vão gosar a sua lua de mel.»

Nos principios de junho o Alberto Pinto e a esposa embarcavam no Terreiro do Paço, no vapor do Barreiro.

O Alberto, com uma aza do nariz meio ratada, ia ao Algarve experimentar a efficacia do decocto de Zittman.

LOPJO TAVARES.

AS NOSSAS GRAVURAS

O EDITOR FRANCEZ, LUIZ BRANDUS

Falleceu ha dias repentinamente, em Paris, na sua casa da rua Rossini, o celebre editor de musica, Luiz Brandus.

Brandus devia jantar com sua esposa, no dia em que falleceu, em casa de seu genro, o sr. Lehmann; mas á ultima hora escusou-se e mandou a esposa só.

Em seguida subiu aos seus aposentos, onde bebeu uma solução de cyaneto de potassio.

A morte foi fulminante e o medico que a toda a pressa foi chamado, nada mais fez do que passar a certidão de obito.

Brandus não deixou carta alguma expondo os motivos da sua funesta resolução. Nada, nas suas maneiras e nas suas palavras, podia fazer presagiar tão fatal acontecimento.

A casa editora Brandus, fundada ha uns quarenta annos pela reunião das casas Soblesinger e Troupenas, teve por chefes, Gemmy, Brandus e Dufeur. O actual, Luiz Brandus, dirigia-a desde 1872.

Depois de ter editado ou adquirido a propriedade da maior parte das operas de Rossini e Halevy, foi forçado a ceder estas operas a outras casas editoras, mas conservou sempre a propriedade do maior numero das obras de Offenbach, Meyerbeer, Leacock Auber e Adam.

Luiz Brandus, como os seus predecessores, deu prova de uma grande habilidade na direcção de sua casa. Foi o executor testamentario do Meyerbeer, que, durante muito tempo, lhe confiara o destino das suas operas.

MIGUEL JUAREZ CELMAN

PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA

O doutor Juarez Celman, presidente da Republica Argentina, conta apenas 40 annos de idade. Desde muito novo, revelou

logo as suas idéas liberaes e o seu caracter patriótico e generoso. A sua carreira publica, brilhantissima, começou em Cordoba onde, em 1878, foi nomeado primeiro ministro pelo governador. Em 1880, o povo conferiu-lhe, por um voto unanime, o titulo e o cargo de governador, do qual o tornavam digno, sob todos os pontos de vista, as suas eminentes qualidades e os seus dotes excepcionaes.

Juarez Celman inaugurou então uma era de progresso, promoveu na cidade melhoramentos importantissimos, chamou para junto de si, no interesse commum, os seus proprios adversarios politicos, e atrahiu assim a estima e dedicação de todos os habitantes.

Quanto expirou o periodo do seu governo, a cidade de Cordoba enviou-o ao Congresso nacional, na qualidade de senador.

Celman tornou-se muito notavel nas discussões da lei sobre a educação, que elle queria tornar liberal, e alcançou uma importante victoria em favor das suas doutrinas.

Foi então que começou a agitar-se a questão presidencial, e o partido autonomista sustentou a candidatura do dr. Celman. A campanha politica que se seguiu foi uma das mais movimentadas que os annos republicanos tem registrado.

Havia tres concorrentes temiveis. O dr. Celman alcançou sobre elles uma victoria collossal, sendo eleito por grande maioria.

Miguel Juarez Celman é o quinto presidente constitucional e o primeiro cuja eleição se fez sem provocar nem guerra civil nem revolução. O seu triumpho foi pacifico. O discurso de recepção que pronunciou perante as Camaras fez uma impressão profunda em toda a assembléa.

A Republica Argentina espera muito do seu actual presidente, e a sua eleição foi saudada por todos como o preludio d'uma era de paz e de prosperidade.

CORRIDAS DE TOUROS

«Antes de começar a tourada», quadro de Agrasot

O quadro do afamado artista hespanhol, que hoje reproduzimos, representa os detalhes dos largos preparativos que precedem uma tourada em Hespanha, detalhes ignorados por muitos, mesmo pelos frequentadores assíduos de *la plaza*.

Faltam apenas alguns momentos para que a authoridade dê o signal de que lá fóra, á sombra e ao sol, esperam impacientes dez ou doze mil *aficionados*. Os ginetes, já nos seus esqualidos cavallos, aguardam que o alguazil os mande occupar os seus lugares atráz dos *peões* e fazer *el piseo*.

Tal é o assumpto d'este quadro, que, com outros do mesmo author, faz parte d'uma das mais ricas galerias particulares de Vienna.

MODAS

Damos hoje o figurino de um elegante chapéu redondo, de feltro preto, forrado de velludo em riscas. Guarnece este chapéu uma fita tambem de riscas, applicada em torno da copa. Um laço da mesma fita serve de pé a tres plumas, que veem cair adiante.

O PORTO E PONTE DE BREST

Brest é uma cidade moderna e deve a sua fundação ao cardeal de Richelieu.

Na época em que este grande homem a creou, meiado do seculo XVII, (1631) era apenas uma villa sem commercio e sem industria, dominada e protegida por um castello antiquissimo. A sua população limitava-se a 1.500 habitantes. Na margem opposta da Penfel, havia-se construido gradualmente uma outra villa chamada *Recouvrance*, nome de uma capella dedicada pelo duque João IV a Nossa Senhora. Outr'ora Brest, ou antes o seu castello, havia sido já theatro de acontecimentos celebrados nas paginas da historia.

O castello, construido não se sabe quando, nem por quem, devia ser já muito antigo em 1065, porque n'este anno o duque Conan o fez reparar.

Quando Luiz XIII subiu ao throno, a França não possuía um unico navio de guerra. Portugal, Inglaterra e Hespanha haviam dividido entre si o imperio do mar.

Richelieu resolveu disputar-lh'os. Para que a França tomasse lugar tambem entre as potencias maritimas, furdou elle o porto de Brest. Infelizmente morreu antes de haver concluido a obra que encetára.

Comprehenderam-o porém Luiz XIV e Colbert e deram impulso áquella tentativa; graças aos seus esforços, Brest tornou-se, em menos de um quarto de seculo, a mais importante e completa das praças maritimas e uma das bases mais solidas do engrandecimento da França, por este porto situado na extremidade do seu territorio, no ponto mais avançado do Oceano, parecendo es-

tar collocado ali para dominar ao mesmo tempo o mar de Hespanha e o de Inglaterra, a Mancha do sul e a Mancha do norte.

Hoje, a população eleva-se a cerca de 100:000 habitantes. A sua formosa ponte é uma verdadeira maravilha d'arte, como se poderá ajuizar pela estampa que hoje damos

O BANQUETE

(DE THÉODORE DE BANVILLE)

Nina era uma pequenita que não comia, pelo simples motivo de não ter um bocado de pão com que matar a fome. Ha por esse mundo além muita creança a quem acontece o mesmo, apesar das magnificas empadas e dos bellos guisados que se ostentam pelas *vitrines* dos pastelleiros. O pae de Nina foi um operario exemplar, um serralheiro habil, bom marido e bom pae emquanto a mulher viveu; mas logo que lhe faltou a sua querida Alice, tudo mudou. Primeiro não quiz mandar a filha para a modista, apesar d'ella já coser como uma fada, porque tinha horror á solidão e necessitava da pequenita para dirigir o *ménage*, fazer-lhe o jantar e tratar-lhe da roupa.

Depois arranhou-lhe, pelos conhecidos, trabalho bastante para casa, livrando-a assim dos mil perigos a que uma rapariga está sujeita nas ruas e nos *ateliers* de modistas.

Durante algum tempo tudo correu bem.

Apesar de só ter dez annos, Nina era uma *ménagère conscienciosa*, que trabalhava como uma verdadeira mulher. Mas pouco a pouco, perseguido pela lembrança da esposa morta, Saboche bebeu para esquecer, começou a frequentar as tabernas, deixou de trabalhar e por consequente de trazer feria para casa.

A pequenita fazia prodigios de economia, comprava alimentos dos mais ordinarios, preparava o caldo com um nada, ia lavar a roupa ao rio, mas mesmo assim não lograva poder attender a tudo, e o padeiro, o merceiro, o carvoeiro e o senhorio,—gritando este mais que nenhum outro—não lhe deixavam a porta, fazendo scenas quando ella dizia que não tinha dinheiro.

Nina, envergonhada, só ousava sair de casa á noite, tremendo de susto, para ir buscar o que lhe era absolutamente indispensavel.

Dois annos se passaram n'este inferno, e a pobre menina não sentia cansasso na sua lucta heroica pela vida, tratando do pae, e chegando até a despil o e a metter o no leito, quando elle entrava em casa completamente ebrio, segurando-se a custo nas pernas e batendo com a cabeça pelas paredes.

Nina tem doze annos no momento em que começamos esta narração. Saboche, perdido de todo, não faz nada, passando-se dias e dias sem apparecer em casa, e Nina mesmo já não trabalha, pelo simples motivo de que não tem linha nem agulhas para coser!

Ninguem lhe quer confiar obra, e ella mesma não a póde ir pedir, coberta como está de andrajos repellentes e calçada de sapatos que já foram remendados mais de cem vezes.

Em casa uma immundicie completa. Cessou de varrer por se lhe ter acabado a ultima vassoura, e a rota camisa que veste está negra, porque ella não possui um *sou* com que possa comprar sabão.

Considera-se feliz quando come todos os dias alguns restos que almas compassivas lhe dão por esmola, ou os rabutalhos que de noite atiraram para o lixo, e que nem os cães querem.

*

Mas mais cruel, que todas estas ignominias, é, para a pequenita, a solidão a que está condemnada, sem uma pessoa amiga a quem possa confiar os seus pezares, as suas cruciantes amarguras.

Mesmo nos tempos felizes, ella com poucas pessoas tinha relações de amizade, mas como sabia á rua de dia, encontrava-se amiudadas vezes com um amigo, com que travara conhecimento nas ruas e com quem sympathisava, apesar do seu rosto livido, dos seus olhos amarellos e do seu crespo e negro cabello.

Mais velho um anno do que a sua camarada Nina, Burburut não era comtudo mais feliz.

O pae e a mãe, *fantoques* que pareciam mortos de ha muitos dias, e que persistiam sobre a terra apenas por uma obstinavel teimosia, eram dois velhos escaveirados, pallidos, cheios de rugas e de esterco.

Eram porteiros de uma casa a cabir em ruinas, habitada por bandidos e vadios que não pagavam nunca, systema este que, pela sua parte, o proprietario seguia para com os seus porteiros.



MODAS

Burlurut pae trazia o avental immundo por cima de um «robe-de-chambre» de algodão, com desenhos que outr'ora imitaram os dos tecidos da India, e a senhora Burlurut varria as escadas com um vestido enfeitado a rendas, que lhe fôra dado por uma actriz sua conhecida, quando esta vira que elle não lhe podia servir para nada, nem mesmo para rodilha.

Sem rendimentos de qualidade alguma, não conhecendo o que era ter dinheiro, Burlurut vivia só do que podia roubar aqui e alli, á força ou por astucia. Quanto ao petiz Burlurut, estes paes epicos não lhe davam absolutamente nada, dizendo que um homem nunca deve depender de ninguem e que elle só deve prover á sua subsistencia.

De modo que o petiz procurou empregar-se em alguma parte, mas mais mal vestido do que Nina, bateu em vão a todas as officinas.

Em toda a parte lhe fecharam a porta na cara, e teria morrido de fome, se não tivesse uma faca e genio. Mas possuia estes dois instrumentos.

O genio tinha-lh'o dado Deus com generosidade, e a faca, essa, encontrára-a na rua. Com uma extraordinaria habilidade, com uma intuição satyrica poderosissima, esculpia cabeças de bons burguezes e figuras de mulheres nas maçãs meias podres, nas castanhas e nos cabos de velhas escovas de dentes que ia apanhar de entre a immundicie.

Depois offerecia aos passeiantes estas preciosas bagatellas, resolvendo assim o problema que desconcerta tanto artista de genio — fazer da escultura um ganha pão! Algumas vezes os compradores davam-lhe um ou dois *sous*, e então, qual outro Luccillo, o pequeno Burlurut convidava se a si proprio para jantar.

Se, pelo contrario, não tinha deparado com amadores, contentava se em ter feito arte pela arte, e substituia o jantar que lhe faltava pela absorvente contemplação do ideal que cada um tem em si. Tal era o pequeno que Nina ternamente estimava.

Mas já o não podia encontrar, pois só sabia de noute, quando o escuro era intenso, para que se lhe não pudesse ver o corpo que luzia atravez os buracos dos vestidos.

No domingo de Paschoa, porém, não tendo comido havia trinta horas, com o estomago em convulsões, sacudido pela fome, não poude mais ser senhora de si, e saiu de casa, caminhando ao acaso, na esperança de que Deus d'ella tivesse compaixão.

Depois de ter andado muito, atravessando ruas e praças, despedaçada pela fadiga e pela fome, deixou-se cahir á esquina d'uma rua, esperando pela morte que não tardaria a livral-a de tantos martyrios.

Tudo silencioso. A noute começava a estender-se pouco a pouco pela cidade, noute tempestuosa, em que as nuvens negras, espessas, cheias de ameaças cruéis, se amontoavam por sobre ella. Nesta occasião passou um bebado zigzagueando, em cujo rosto bestial brilhavam as mais seductoras côres das flores, a rosa, o azul, o amarello e o perola, porque a côr patenteia em toda a parte as suas maravilhosas combinações, e como justamente o observou Delacroix, um interior de peixe pôde ser tão esplendido e deslumbrante como o vestido do rei Salomão.

Este borracho, presa d'uma alegria intensa, fazia saltar nas mãos um montão de moedas, parecendo encantado com o som que ellas produziam.

—Olá, clamava elle em voz alta, como um actor, o taberneiro expulsou-me, dizendo que eu já não tinha dinheiro, e eu tenho-o! Olá eu não tinha rebuscado o fundo do bolso, e n'esse fundo, que é tamanho, ainda havia dinheiro! Olá! Estou rico, vou mandar dinheiro para os bancos! Mas como as tabernas, para economisar luz, fecham cedo, eu, que quero beber toda a noute, vou fazel as illuminar a luz electrica, e emborrachar toda a gente. Quero que todos bebam e ninguem tenha sede. Olá! beber sempre... sim, beber, que eu sou rico e posso fazer o que quizer... Olá!

O bebado parára para pronunciar este discurso, fazendo sempre saltar o dinheiro nas mãos.

Depois puz se a caminhar apressadamente, para com mais rapidez ir realizar o seu ideal.

Passados momentos, quando Nina, depois de ter perdido de vista o ebrio, voltou os olhos para o solo, viu a seus pés duas manchas escuras; eram duas moedas de cobre, que o velho deixára cahir.

A pequena apanhou-as e apesar da fraqueza em que se achava, pez-se a correr com todas as forças para os ir entregar ao ebrio, mas debalde o procurou. Tinha desaparecido. Que fazer?

As duas moedas eram portar to d'ella, e depois de hesitar, entrou em casa de um padeiro, onde comprou um bom pedaço de pão, que fazia crescer a gua na bocca, tão bem elle cheirava!

Mas em lugar de o comer logo, por um requinte de voluptuosidade, voltou para a rua onde tinha achado o dinheiro e onde lhe chegavam os ouvidos os sons longinquos de uma musica, tocando n'um barracão de saltimbancos de uma feira proxima.

Sentou-se confortavelmente no passeio, perto da valeta, ao lado de uma abertura que dava communicacão para o cano geral de despejos, e quando ia a levar o pão á bocca, vê junto de si, olhando-a tristemente, o pequeno Burlurut.

Pallido como um alvo lençol de linho, tremendo e mal podendo suster-se nas pernas, dava mostras de que a escultura não estava já em voga, e de que elle não tinha, havia muito, vendido nada a particulares nem ao governo.

—Tu tens fome, não tens? disse Nina, olhando-o ternamente.

—Não, não tenho, respondeu Burlurut, que viu o bocado de pão da sua pequena amiga e não lhe queria diminuir a ração.

—Mau... Escusas de negar, que eu conheço-o bem. Vamos a comer, que sou eu que te convido.

Ora vê como este pão está bem cosido, como é tenro, e como tem uma linda côr dourada! Senta-te aqui ao meu lado, e vamos a comer.

O pequeno Burlurut obedeceu. Sentou-se junto de Nina, que com a mão lhe acariciava a fronte abrasada, passando os dedos pela emaranhada cabelleira do infeliz esculptor. Chegaram os joelhos um para o outro e n'esta improvisada mesa collocou Nina o pão, e quando os seus pequeninos dentes brancos se preparavam para o trincar, ouviram gritos furiosos e valentes exclamações de —Ladrão! Ladrão! Agarra! Agarra!—e ao principio da rua appareceu, correndo doidadamente, um saltimbanco, com a peruca meio cahida e o fato de espectáculo coberto de lantejoulas que despediam luminosas scintillações no escuro da noite, seguido de policias e de uma multidão de povo, que passando, deitaram por terra Nina e o pequeno Burlurut, fazendo cahir o pão que rolou na valeta e foi pela abertura sumir-se no interior do cano de despejo.

O fugitivo, os policias e o povo desapareceram ao longe; o ceu tornara-se cada vez mais plumbleo e a chuva cahia já em largas gottas. A cidade estava deserta. Não havia duvida de que não podiam esperar socorro algum e de que não comeriam n'aquella noite.

Os dois pequenos trocaram então um supremo olhar de angustia e desespero, cahiram depois nos braços um do outro, e os labios uniram-se-lhe n'um longo beijo, intenso, frenetico...

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

(Retribuicão ao eximio charadista Antonio Rodrigues Brancal)

T'arrenegol... Saramago,
Cousa má!... Cruzes, canhoto!...
Não digam que é cousa pouca
Recebermos um affago
N'um antro escuro e ignoto
E d'uma velha de touca.—2.

Ah! trocistas infernaes!
Pois zombam d'esta desgraça?
Zombam do que é perigoso?
Creiam nas cousas fataes,
Porque nem tudo tem graça,
N'nguem zombe d'um medroso.—2

T'arrenegol... Saramago,
Cousa má!... Cruzes, canhoto!...
Recebermos um affago
N'um antro escuro e ignoto...!

Porto.

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

Prima parte da charada,
Se vogal lhe antepozar,
Affirmo-lhe que ha de ver
Occupação de mulher.—1

A' segunda, meu leitor,
Uma vogal posporá;
Se o fizer, aqui lhe affirmo
Que na egreja a achará.—1

A' tertia junte uma letra,
Mas que não seja vogal,
Logo em seguida ha de ver
Appar'cer um mineral.—1

T'rá medida itineraria,
Se vogal acrescentar
Agora á ultima parte.
—Vamos o conceito dar.—1

Mas... que diabo será isto?
Conceito não posso dar,
Porque me saltou um gato,
Que me queria arranhar.

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

(Dediçõe a l'insigne charadiste, Mr. Monteiro Junior, de Leiria)

Je vous offre, ami,
Charade très claire,
Dans la bien charmante
Langue de Voltaire.

Oh! quelle mouillure,
Mon cher, attrapez,
Si, par distraction,
Ici vous tombez!—2

A cause de ça,
Toujours j'a veux dire,
Que vous êtes mieux
Dans quelque navire—2

Je retourne a dire;
S'ici vous tombez,
Oh! quelle mouillure
Que vous attrapez!

MATHEUS JUNIOR.

Logogrifho

(Ao insigne charadista, Antonio R. Brancal)

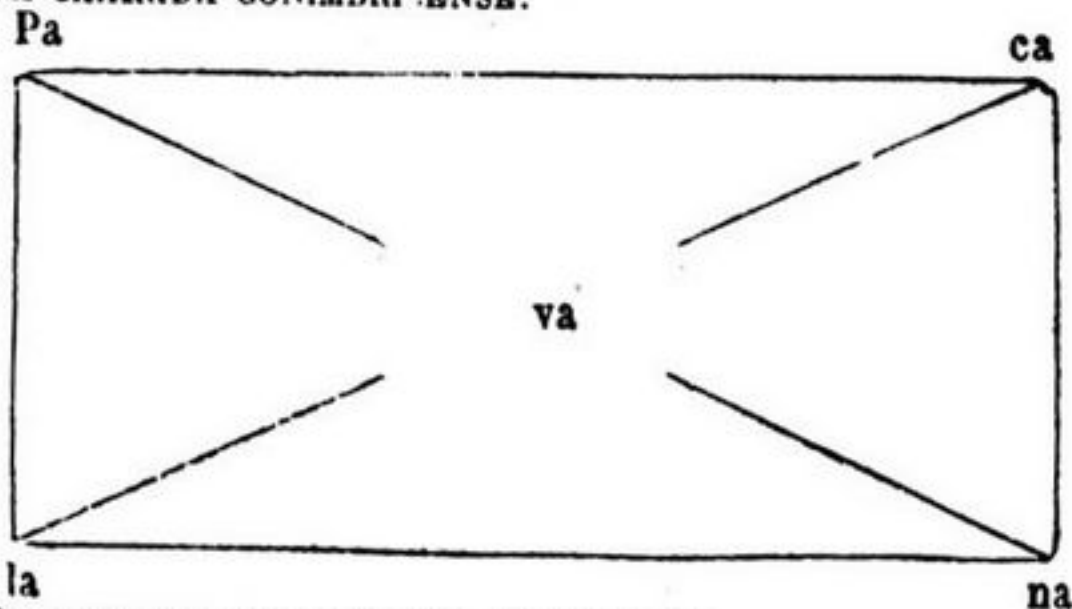
GRACEJAVA o Cypriano
quando na minha aldeia;—19, 13, 8, 12, 21, 14, 23, 3, 9, 18
pesar de ser tamanho,—13, 16, 13, 22, 5, 3, 15
unca avança, mas receia!...—21, 4, 17, 1, 11, 10, 15
isse-me elle «que deseja,
m um dia dos romanos,—2, 7, 20, 22, 16

CRUCIAR até na igreja—16, 19, 5, 3, 9
omens gregos e troianos!!—3, 18, 4, 12, 19, 2, 7, 16
ssim disse o lavrador
ecolhendo-se ao casebre.—17, 1, 8, 11, 19, 21, 22
crescentei:—mas... senhor...—10, 15, 14, 15
ará morte a toda a lebre?!—16, 14, 6, 21, 12, 10, 6, 4
sso agora é perguntar
e todos entram na lista?
enho, pois, de exceptuar
um grande charadista.

J. SOARES.

Decifrações

DAS CHARADAS EM VERSO:—Caja—Aiaia.
DA CHARADA CONIMBRIENSE:



DA CHARADA EM QUADRO:—B a t a t a
a l a m a r
t a l a c a
a m a r a r
t a c a d a
a r a r a s

A RIR

Philosophia moderna:
—Bons dias, meu caro F...
—Bons dias.
—Sempre te vejo assim, alegre e contentel
—Podera! E levo a coisa a tal extremo, que nos dias em que o não estou, fijo ignoral-o, para não entristecer.

Perguntaram a Calino:
—V. ex.ª quer fazer-me a honra de jantar hoje commigo?
—E ha de ser por força hoje?
—Se o não transtorna...
—Pois bem: amanhã lhe mandarei a resposta.

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO PARA GOLPES E PICADAS

Lance se azeite sobre uma braza viva, e exponha-se o golpe ou picada ao fumo por 2 ou 3 minutos: é quanto basta para impedir a inflamação e para fazer desaparecer a dôr.

SUPPLICA

(A Vidal Oudinot)

Sei que me adoras, filha, sei, no emtanto
o teu amor febril, lubrico, ingente
causa-me horror; pois vejo, tristemente,
só n'elle a causa do meu longo pranto.

Sei que me adoras, filha, e sei o quanto
soffres por mim; mas a minha alma ardente,
sinto que a envolve já lugubrememente
da negra Desventura o frio manto!

Nas plagas do meu peito—extenso areal—
o phantasma da Dôr, vagueando incerto,
vae desfolhando as flor's do meu ideal...

Não me persigas, não!—oiço bem perto
das minhas illusões o funeral,
entoado na aridez d'este deserto!...

Porto—Setembro de 1887.

SILVA FERRAZ.

O FIEL

O professor particular de primeiras letras, Jordão Jacome, passava por ser um homem intratavel. Sempre infeliz em toda a dolorosa via sacra da sua existencia, tinha visto desdobrar-se contra elle aquella famosa theoria de Darwin—the struggle for life. Por isso odiava tudo e todos, mas com um odio honrado, que ia parar ao justo limite do desprezo inoffensivo. Tachavam-no de doido, ouvindo-lhe as estranhas theorias philosophico-sociaes, o que pouco o magoava. Era um Diogenes provinciano, porque é na poetica cidade de Ponta Delgada que este caso se deu.

O Jordão, apesar da sua excentricidade, era homem que sabia da sua profissão, e honradissimo. Longe de lhe afugentar os discipulos o seu modo secco, pelo contrario, trazia-lh'os. Era procurado pelos paes desanimados, para ensinar os rapazes inquietos ou preguiçosos, e isto não pouco contribuia para o trazer em constante vinha d'alhos.

Os paes, quando queriam intimidar os petizes mais obtusos, diziam:

—Vou mandar chamar o Jordão.

E os pequenos tremiam e entregavam-se ao estudo.

Era o Jordão advogado da pena de morte e mettia medo ou vil-o dizer que ainda veria as cabeças dos grandes da cidade, espetadas no arco triumphal do caes.

Quando se representava no unico theatro da cidade, elle era infallivel á audição das peças em que havia mortes affrontosas. Na igreja só entrava na semana da paixão, e no dia de finados. Acompanhava todos os enterros, forra to de preto, como um corpo sinistro.

Na vida, porém, d'este homem extraordinario, deu-se um d'esses factos que alteram profundamente o modo de pensar do individuo, e o transformam por dentro e por fóra como uma casa velha a que houvessem basculhado todas as teas de aranha e caiado a frontaria secular.

N'uma noite tenebrosa como sóem ser as noites do inverno curto mas tormentoso das ilhas, o nosso homem vinha muito descuidado, pela estrada concelbia que liga a cidade com um povo suburbano. Fóra dar lição aos filhos da viscondessa de ***

Chovia a torrentes, e elle, debaixo do seu guarda chuva tão amplo como um alpendre, soffria resignado aquella monumental descarga das cataractas celestes. E caminhava intrepido, de calças arregaçadas, as fortes botas inglezas, de tres solas, ferindo heroicamente o mac-adam abaulado por onde escorriam veios de agua que luziam á claridade dos relampagos.

Aos lados da estrada, as valetas mal podiam dar vasão á agua que corria sussurrante. N'uma bifurcação da estrada, á entrada da cidade, o *Fiel*, que caminhava ao lado do dono, com a cabeça baixa, todo pingado e encolhido, parecendo lamentar que a civilização ainda não tivesse inventado guarda chubvas para os cães, estacou ao pé de um pequeno volume alvejante, que jazia quasi encostado á valeta por onde as aguas corriam em redemoinho.

E o bello cão uivava com dôr, com um accento dolorosissimo em que parecia haver espantos e anathemas.

o cão. O meu *Fiel* nunca me perdoaria tal crueldade; e eu leria sempre no seu olhar o profundo desprezo que se vota aos cobar-des!

E este homem singular que odiava a humanidade inteira e principalmente as creanças, que eram o seu martyrio, exclamou brandamente, transformado pela caridade que subitamente lhe rebentára no coração, e dirigindo a palavra ao companheiro:

—Vou-te fazer a vontade: descança, meu *Fiel*.

E abaixando-se, tomou o cestinho nos braços e picou o passo para casa. Quando chegou á sua porta, em vez de entrar, bateu á porta de uma vizinha, que elle sabia estar creando.

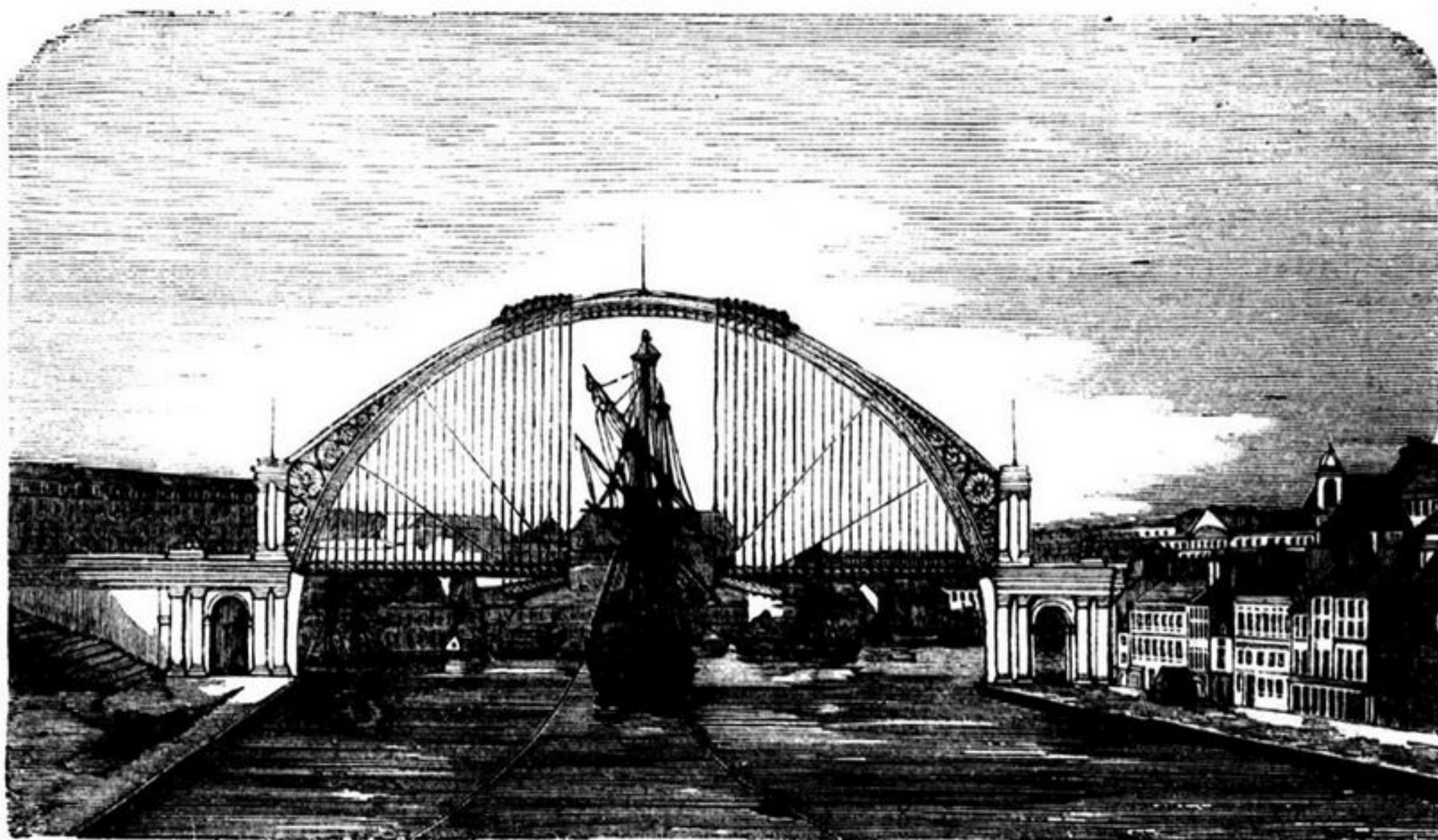
—Quem é? perguntou ella.

—Sou eu, o professor Jordão, aqui do lado.

Grande reboliço dentro. Abriu-se a porta e uma malta de rapazes, em fralda, cercou o professor, deveras espantados com a visita, porque o professor, como dissemos, era intratavel e nunca dirigia a palavra a ninguem.

O professor contou então, no meio do assombro geral, o que lhe succedera. Foi examinada a creança: era um menino robusto. Estava já meio inteiriçado de frio. Tiraram-lhe as roupas encharcadas em agua e esfregaram-lhe as fontes, as ventas e a moleirinha com alcool. A creança reanimou-se, abriu os olbinhos e principiou a tocar toda uma symphonia de berros valentes. Estava salva.

Então a mulher chegou-lhe o bico do peito, a que elle se agarrou soffrego.



O PORTO E PONTE DE BREST

—Vem d'ahi, *Fiel* gritou-lhe o professor com a sua voz grossa e rude.

O *Fiel* correu ao pé d'elle, fez uns passos de dança diante do austero professor, ganiu como que umas desculpas e fugiu novamente para junto do embrulho.

O professor, intrigado como uma mulher, exclamou:

—Pareces-me disposto a passar ahi a noite!

E o cão em resposta:

—Bául bául

Então o Jordão avançou, fazendo girar o alpendre de barbas de baleia que trazia suspenso sobre o chapéu como a vela gigantesca de um moinho. Chegando junto do cão, debruçou-se e olhou.

Aos seus pés, cravado na enxurrada, estava um cestinho com roupa branca. Descobriu a roupa, que constava de saias, e viu com espanto um recém-nascido. Endireitou-se com surpresa e uma violenta praga, arrojada com força dos seus pulmões de aço, varreu o espaço.

—Esta agora disse elle.

E agachando-se ao pé do cestinho, puz a mão sobre a cabeça da creancinha e sobre o coração.

—Ah! está ainda vivo! Mas, expor um innocente por uma noite d'estas e n'este sitio, é a morte!

E poz-se a pensar.

—Devo abandonal-o aqui? Ninguem me viu. Mas seria uma cumplicidade covarde no assassinio.

N'este momento, o cão, parecendo adivinhar a tempestade que ia na alma do professor, fez resoar de novo o seu

—Bául bául

—Ah! tenho uma testemunha! exclamou o professor, olhando

o pequeno ficou em casa da mulher. E era de ver como o *Fiel*, ia todos os dias fazer-lhe uma visita ao berço, pondo-se a lambel-o amoravelmente!

Cresceu o Joaquim, nome que o professor lhe poz, e aos quatro annos levou-o o Jordão para casa, para o ensinar a ser homem, como elle dizia.

Com grande senso commum, mandou-lhe ensinar um officio, o de carpinteiro, por lhe perceber certa predilecção para pregar taboas no quintal.

—Nada! não quero que elle seja um mendigo letrado como eu! Para infeliz e desprotegido, eu basto.

E tinha razão.

Viviam, pois, todos tres... muito satisfeitos, quando o *Fiel* que já era velhinho, não ponde mais com a carga da vida e morreu.

O que os dois choraram!

O Joaquim fez um caixão muito bonito e enterrou o *Fiel* no quintal. E o professor, para não lhe ficar atraz em generosidade, mandou talhar uma lapide de marmore para cobrir a sepultura do cão, e mandou esculpir-lhe, em letras de bronze, este soberbo epitaphio, de uma philosophia que era, ao mesmo tempo, o resumo do seu caracter e uma chicotada na humanidade:

AQUI REPOUZA UM AMIGO

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica